

O Museu de Lausanne sob direção de René Berger procurou, há pouco, fazer experiência de alto interesse teórico, sem respeito pelo efeito que porventura tem sobre o público, os museólogos e os artistas. Trata-se, em resumo, de expôr os problemas estéticos, administrativos e comunicológicos no próprio recinto do museu. O museu procura expôr se a si próprio e fazer um passo para trás de si mesmo.

A meta de Berger é pôr em questão o museu. Não resta dúvida que a meta é justa, e que Berger a captou corretamente. Museus são restos arcaicos de tradição renascentista, e não se vê qual o papel que lhes cabe no contexto atual, (se é que lhes cabe papel algum na atualidade). Originalmente eram lugares a festejar a imortalidade imanente de "grandes artistas" e seus mecenas principescos e burgueses. Algo entre monumento e templo. Consequências da perda da fé na imortalidade no transcendente. Passaram a ser uma espécie de memória da cultura, um ensino visual para candidatos a artista plástico, e instrumento de ensino para professores de matérias "humanísticas" nas escolas secundárias e elementares. Como memórias são ridiculamente antiquadas, já que a revolução cibernética nas memórias, (por exemplo de computadores), passou impercebida por eles. Como método de ensino não satisfazem as mínimas exigências da pedagogia atual, são custosos e mal manipuláveis. Que deve ser feito para salvar o museu, (se é que algo deve ser feito)?

Tal a pergunta que Berger se põe, e propõe a tôdos que acaso visitam o seu museu. Propõe a pergunta de forma disciplinada, séria, e multivalente, com exemplos, estatísticas, e laboratórios para respostas. E agora está esperando por tais respostas. O problema é: poderá tal método provocar resposta adequada? Em outras palavras: serve o museu pelo menos para a finalidade de problematizar-se a si mesmo? Que algumas respostas estão efetivamente sendo dadas, não vem ao caso. O problema deve ser visto teóricamente, para ser compreendido.

Lausanne procura transformar um canal em sua própria mensagem. Ou: pro-dizer uma língua que não diz nada a não ser a si mesma. Fazer um museu com índice 2 que expõe um museu com índice 1. Não é o caso do teatro no teatro, ou do filme sobre o filme. Lá se trata de dois teatros e de dois filmes, um metateatro e um metafilme, e outro teatro-objeto e filme-objeto. Aqui metamuseu e museu-objeto se confundem. Não portanto escrever um livro búlgaro sobre a língua búlgara, mas escrever um livro em búlgaro do qual nada a não ser a língua búlgara possa ser lido. Tal livro parece inteiramente impossível, porque é próprio da língua, dizer algo, não dizer-se. Não pode ser virada como luva. Línguas são sistemas simbólicos que representam algo, portanto expõem algo. O mesmo se dá com museus. Também eles expõem algo, são simbólicos neste sentido, e não podem expôr-se.

Pois o impossível em Lausanne foi aparentemente feito. Ou não passamos

VILÉM FLUSSER

nós e Berger de vítimas de ilusão ótica, de miragem? De modo ~~que~~ que o museu não se expõe, (coisa impossível), mas que na realidade se apenas expelha? De maneira que continua expondo, não a si próprio, mas quadros, mas desta vez quadros como são vistos pelo museólogo, não pelos visitantes? Se isto fôr o caso, a questão posta não se referiria ao museu em si, (já que o museu não estaria exposto), mas referiria-se à relação entre museólogo e museu. Isto também não deixa de ser pergunta importante, mas não é isto o pretendido. As respostas que estão chegando se refeririam a tal pergunta, e não à pergunta pretendida. Em outras palavras: Lausanne pergunta, não "que é museu e que deve ser museu?", mas "que farias tu se fos ses diretor deste museu?".

Suponhamos que esta crítica é correta. Mesmo assim a experiência em Lausanne mereceria atenção ampla e profunda. Representa quebra da estrutura discursiva do museu e abertura em direção de diálogo mais amplo. Mas pode ser que esta crítica esteja enganada. Em tal caso quer ser respondida. Porque uma coisa é certa: a meta de Lausanne foi abrir a discussão em torno do museu. O presente artigo obedece a tal iniciativa, e espera contribuir para uma discussão mais generalizada.